

FORMAÇÃO CONTINUADA MEDIADA POR TECNOLOGIA

OS NOVOS DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO PROFESSOR



NOVO ENSINO MÉDIO

Planejamento
para a transição

AValiação

Muito além da
prova e da nota

LEITURA

Literatura digital
nos dias de hoje

PROJETO DE VIDA

Atitude empreendedora
e escola

ionica

eu sou a aprendizagem levada além.

Sou o ambiente digital de aprendizagem da **FTD Educação**.

Comigo, gestores, professores e estudantes se conectam em um espaço sempre atualizado, integrado, seguro e perfeito para criar, compartilhar, interagir e levar a Educação além.



Minha biblioteca oferece mais de 14 mil livros digitais, além disso tenho mais de 32 mil recursos virtuais.



Tenho um banco com mais de 68 mil questões para todos os níveis de ensino.



Possuo integração com as melhores ferramentas, para transmissões de aulas virtuais, quando e onde você estiver.



Para facilitar o acesso, professores e alunos podem organizar os seus conjuntos de livros favoritos.



Na agenda, professores e alunos organizam suas tarefas, conferem horários e acompanham os status das entregas em tempo real.



Os meus conteúdos digitais podem ser avaliados por todos os usuários, possibilitando um canal direto de feedback.



Ofereço relatórios estruturados por habilidade e atividade, que permitem o acompanhamento do desempenho dos estudantes.



O mural é o local de interação entre alunos e professores. Nele, é possível publicar avisos, tirar dúvidas e acompanhar o desenvolvimento das turmas.



Acesse e conheça.

souionica.com.br



UMA NOVA CULTURA FORMATIVA PARA ALÉM DO ESPAÇO ESCOLAR

Nos últimos anos, as discussões sobre renovação nos processos educativos costumam trazer, de forma até repetitiva, um mesmo exemplo – que, por sinal, não deixa de ser eficiente.

É muito comum que o interlocutor faça uma comparação, em forma de provocação, que pede uma visualização do modelo da sala de aula, evocando desde os tempos dos pais e, até mesmo, dos avós. O resultado é sempre o mesmo: o formato da escola pouco mudou, com um professor à frente, expondo conteúdos para estudantes enfileirados em suas carteiras.

A cada volta ao tema, apesar da existência de uma gama de inovações nessa dinâmica, essa imagem permanecia perene e imutável na consciência, quando se pensava na prática da educação no país. Até que, no início de 2020, chegou a pandemia.

De forma abrupta, as estruturas escolares foram substituídas pelo lar desses estudantes. O currículo passou a ser cumprido em telas de computadores e smartphones. As perguntas, interações, dúvidas e reflexões passaram a ser mediadas por microfone, webcam, mouse e teclado.

Mesmo sob um contexto pandêmico, pautas relevantes do desenvolvimento educacional no país prosseguiram: a implementação do Novo Ensino Médio; a jornada da inserção do empreendedorismo nas dinâmicas do projeto de vida; a inovação na literatura fora do meio impresso; entre outras.

Por outro lado, surgiram novas e relevantes demandas, como a formação continuada do professor, mediada por tecnologia digital. Como enfatiza a doutora em Educação, a psicóloga Emília Cipriano, “o ineditismo desse contexto implica no pensar sobre o impacto do social e na paralisia do fazer pedagógico presencial”.

Além de outros pontos sensíveis, como o contato e o aprendizado das crianças por meio dessas interfaces tecnológicas.

A edição nº 12 da revista **Mundo Escolar** se propõe a jogar luz sobre fenômenos observados tanto antes, como no decorrer da crise sanitária global. A proposta é a de evocar os desafios e analisar possíveis caminhos na tão almejada busca da educação plena. Boa leitura!

Editorial Revista Mundo Escolar



Equipe de trabalho FTD Educação

Ricardo Tavares
Ceciliany Alves Feitosa
Luciana Teixeira
Gisele Cruz
Elaine Cristina Castello
Clayton Luiz Ferreira de Oliveira

Realização:

Presidente:
Edimilson Cardial
Curadoria:
Marcelo Daniel
Projeto gráfico e diagramação:
Débora de Bem
Gerente de publicidade:  segmento
Margarete Rios Silva

A revista **Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da FTD Educação sob licença da Editora Segmento. A revista reúne conteúdos relevantes para toda a comunidade escolar, originalmente publicados em veículos que compõem o portfólio de publicações da Editora Segmento. Distribuição gratuita.

Impressão:

FTD
EDUCAÇÃO | GRÁFICA &
LOGÍSTICA

FTD Educação

Rua Rui Barbosa, 156 - Bela Vista - São Paulo
CEP 01326-010 - www.ftd.com.br



6 Formação continuada mediada por tecnologia

Os novos desafios para o desenvolvimento do professor

12 Tempos de planejamento para a transição

16 Carga horária estendida e Escolas bilíngues: o que você precisa saber

20 A relação entre a atitude empreendedora na escola e um mundo melhor

24 O jogo, o aprendizado e a sociedade

28 Quatro verdades e uma mentira sobre a literatura digital nos dias de hoje

32 Muito além da prova e da nota

38 As crianças têm que ser ouvidas



DOCENTES



Formação continuada mediada por tecnologia

Os novos desafios para o desenvolvimento do professor

Diante das propostas da BNCC e os caminhos para o ensino híbrido, uma reflexão sobre como manter o professor no centro do processo de seu desenvolvimento

Em uma sala de aula lotada de estudantes numa cidade do interior; em turmas reduzidas e específicas na zona rural; num laboratório *maker* de uma instituição disruptiva; ou na tela de um smartphone.

Formar docentes significa preparar um profissional para atuar em cada uma das situações acima descritas – e em uma infinidade de outras.

Versatilidade e heterogeneidade são termos cada vez mais comuns na carreira de professores brasileiros. É preciso estar preparado para desempenhar suas funções em situações e formatos di-

versos e, certamente, lidar com um público bastante heterogêneo, nos mais diversos segmentos sociais.

O desempenho dessa atividade está no centro do processo que tem como objetivo o acesso à uma educação plena. “Para promovê-la é preciso que profissionais, pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e demais atores sociais trabalhem de modo colaborativo e articulado para transformar a realidade das escolas”, pontua o membro do Conselho Nacional de Educação (CNE), professor Mozart Neves Ramos, em seu artigo intitulado *A BNC da formação docente*.

O pesquisador, que é titular da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira do Instituto de Estudos Avançados da USP, em Ribeirão Preto (SP), relaciona a plenitude do conceito à dimensão qualitativa da educação – e, não apenas, à quantidade de tempo na escola.

APRENDER A SER

O aprender a ser, ressalta Ramos, tem centralidade sobre as demais dimensões da aprendizagem, por permitir uma visão singular sobre o estudante e uma conexão da escola com seus projetos de vida.

O docente, que foi relator da Base Nacional Comum de Formação de Professores da Educação Básica no CNE, destaca o papel da BNCC nessa busca. “O Brasil dispõe de um importante instrumento, que traz dez competências gerais que representam um conjunto de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que buscam promover o desenvolvimento dos estudantes em todas as suas dimensões: intelectual, física, social, emocional e cultural”, reforça.

O texto da base, prossegue, deve não apenas fundamentar a concepção, formulação, implementação, avaliação e revisão dos currículos e das propostas pedagógicas das instituições escolares, como também deve contribuir para a articulação e coordenação nacional de políticas e ações educacionais, em especial no que se refere à formação inicial e continuada de professores.

OS REFERENCIAIS DOCENTES

Tais referenciais, explica Ramos, consistem em uma descrição do que os professores devem saber e ser capazes de fazer, e são considerados o ponto de partida na sua jornada de preparação.

Essa trilha, segundo o documento do Ministério da Educação (MEC), pauta na sua concepção essa formação docente com base em três dimensões: conhecimento, prática e engajamento profissionais.

“Anteriormente, reconheceu-se o conhecimento profissional como a base estruturante para o exercício da profissão e a prática profissional

como a atividade – inseparável do conhecimento – pela qual o professor exerce sua habilidade de fazer de seu trabalho”, explica no artigo o especialista, que complementa com essa nova via: “integrando essas duas dimensões, há esse domínio indispensável para a profissionalidade dos professores, que é o engajamento”.

A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS E DAS APRENDIZAGENS

Abrir janelas de possibilidades para as mudanças necessárias e resgatar a urgência de uma razão sensível, para que a ciência seja feita com consciência e em função da vida.

Isso é o que defende a doutora em Educação e mestre em Psicologia da Educação, a psicóloga Emília Cipriano, em seu artigo intitulado *Ressignificar o processo formativo dos profissionais de educação no contexto da escola*.

O material acadêmico trata do tema da formação sob o pano de fundo da pandemia do coronavírus e todas suas implicações nas rotinas escolares. “O ineditismo desse contexto implica no pensar sobre o impacto do social e, consequentemente, na paralisia do fazer pedagógico presencial e na busca constante de superação das múltiplas



Ramos, do CNE:
“Texto da base deve
fundamentar formação
inicial e continuada de
professores”

dificuldades detectadas durante a prática do ensino remoto”, escreve.

A palavra formação, afirma Cipriano, pressupõe uma revitalização crescente nos últimos tempos. “Aparece associada à educação, evoca contextos diferenciados (inicial, continuada, especializada, profissional, em contexto de trabalho, em alternância) além de espelhar uma continuidade no tempo, na expressão de formação ao longo da vida”, elenca.

FORMAÇÃO CENTRADA NA ESCOLA

Na visão da pesquisadora, impõem-se criar um espaço de interação que possibilite o desenvolvimento pessoal e profissional, articulados entre si, de forma sistemática e intencional, apropriando-se dos processos de formação e, concomitantemente, oportunizando um significado para as suas próprias histórias de vida.

“A formação centrada na escola fundamenta-se conceitualmente na interação entre os profissionais da educação, em seus contextos de trabalho e traz no seu bojo uma prática de natureza colaborativa, implicando em ações específicas para a definição de pressupostos”, comenta.

Um cenário que é embasado em valores e propostas de ação que, complementa a doutora,



OS UNIVERSOS QUE A AÇÃO DO PROFESSOR DEVE ABORDAR

Em seu artigo, a acadêmica Emília Cipriano delimita um plano de ação que deve contemplar as experiências vividas e os conhecimentos em uma cultura ampla, revisitando temas como:

- ✓ Gestão Educacional;
- ✓ Estrutura Curricular;
- ✓ BNCC;
- ✓ Metodologia ativa;
- ✓ Interdisciplinaridade / transdisciplinaridade;
- ✓ Avaliação educacional;
- ✓ Cultura digital.

ultrapassem o individualismo, a dependência e o isolamento para que se possa promover a construção de um trabalho de autonomia e autorregulação, mediado pela crítica colaborativa.

PROFESSOR PROTAGONISTA

Na opinião de Cipriano, considerar o profissional de educação como sujeito do seu processo de formação revela uma concepção de professor potente e capaz de assumir as decisões sobre os seus fazeres, construir propostas pedagógicas, elaborar projetos e instrumentos didáticos que estejam de acordo com as demandas específicas e alinhados com o contexto de atuação.

“As características estão intimamente relacionadas entre si – destaca o conhecimento baseado na experiência individual e coletiva, no cotidiano, no conhecimento do contexto vivido que passa a ser validado pela concretização na ação pedagógica”, analisa.

A autoria do professor protagonista se dá no contexto de trabalho, tendo a sua voz escutada em espaços abertos para as manifestações de ideias, valores, princípios, anseios no sentido de revelações das suas crenças em relação à contribuição com as propostas da atividade. 🌐

Para Cipriano, a palavra formação pressupõe uma revitalização crescente nos últimos tempos.



Papel ampliado

Como as mudanças no modelo formativo impactam na preparação de docentes nos dias de hoje

Considerando a figura do professor como um dos pilares do processo de Educação, é importante notar que, por muito tempo, a lente do ensino ocupou papel de destaque nos processos formativos.

Historicamente, como bem apresenta o pesquisador canadense Maurice Tardif, os saberes disciplinares e curriculares ditavam os modelos formativos, onde tudo era para todos, com a relação: problemas genéricos, com soluções padrão.

“Hoje, nosso olhar se ampliou, passamos a en-

xergar como o professor aprende e, com isso, os saberes experienciais ganham lugar de destaque no cenário da formação continuada unindo-se aos demais saberes”, explica a gerente Educacional Confessional da FTD Educação, Elaine Castello.

Esse processo, complementa, impulsionou o desenvolvimento de um diálogo crítico e criativo com a docência, para garantir espaços ao protagonismo e, principalmente, para as intencionalidades pedagógicas, por meio de soluções educacionais.

“Os consultores caminham ao lado de professores e gestores, em posição de igualdade e de colaboração; apoiamos as equipes no diagnóstico dos obstáculos, e criamos espaços formativos onde participamos mediando e refletindo sobre as práticas”, pontua.

ENCARAR OBSTÁCULOS

Em um mundo em constante transformação, agora acentuada pelos efeitos do isolamento social, a especialista enumera questões e barreiras que estão no foco da atuação dessas dinâmicas de formação, com o objetivo de serem superadas.

Dentre os desafios, está a própria presença dos consultores atuando de forma significativa nesse novo ambiente – antes presencial e, agora, mediados por tecnologias digitais.

E esse enfoque suscita, ainda, outros pilares de aprendizagem nessa jornada formativa, onde se criam espaços para reflexão sobre os processos metodológicos em discussões como, por exemplo, o uso da tecnologia em dinâmicas como: a aprendizagem desses docentes, as suas ações no dia a dia de atividades e, é claro, o aprendizado dos estudantes.

NOVA CULTURA FORMATIVA

“O contexto da pandemia nos apresentou como pauta prioritária a possibilidade de uma nova cultura formativa, com espaço para a criação de redes de inovação, comunidades de práticas educativas e comunicação entre o professorado, com intercâmbio de experiências e reflexões sobre a prática e com foco na realidade educacional”, explica a gerente. Esses conteúdos versam sobre os saberes experienciais e são atendidos pelo plano de atendimento anual da FTD Educação.

E é a tecnologia digital que ancora esse ecossistema de aprendizagem, em iniciativa como as webséries; cursos EAD; seminários internacionais; encontros pensados para a gestão, coordenação e docentes. “São ações para todos e têm sempre o objetivo de ampliar o repertório docente acerca dos saberes disciplinares e curriculares”, finaliza. 🌐

3 MOMENTOS CENTRAIS NOS PROCESSOS METODOLÓGICOS DE FORMAÇÃO



Como o professor aprende, mediado pela tecnologia.



Como o professor promove a aprendizagem, utilizando recursos tecnológicos.



Como os estudantes aprendem por meio da interação com a tecnologia digital.

Mais informações em: digital.ftd.com.br/conheca-professores-capacitacao.php



Tempos de planejamento para a transição

Mesmo durante a pandemia, secretarias estaduais de educação prosseguem com as discussões, alterações e planejamentos para a implementação do Novo Ensino Médio no país



Quando o assunto é educação, fica difícil estabelecer qual setor desse segmento não foi diretamente impactado com as consequências da pandemia da covid-19, desde o início do ano letivo de 2020.

No caso das etapas de implementação do Novo Ensino Médio, no entanto, é correto afirmar que os trabalhos continuaram, mesmo diante das adversidades.

Especialistas ouvidos para essa reportagem afirmam que o caráter estratégico dessas discussões e a possibilidade de serem atividades conduzidas remotamente, contribuíram para que os prazos continuassem, de certa forma, validados.

Atendendo às normas do Ministério da Educação (MEC), por meio do Conselho Nacional de Educação (CNE), o que se espera é que, a partir de março de 2022, o primeiro ano do Ensino Médio das escolas passe da carga horária total de 2,4 mil

horas, para pelo menos 3 mil horas totais – sendo 1,8 mil horas para formação geral básica, com as mudanças previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e mínimo de 1,2 mil horas para os itinerários formativos.

ANDAMENTO

Em entrevista concedida à Mundo Escolar no final do ano passado, o professor da Universidade Regional de Blumenau (Furb), ex-presidente do CNE, Eduardo Deschamps, alertava para uma movimentação “tímida” quanto ao tema em 2021. No entanto, hoje afirma que o trabalho intenso nas secretarias estaduais têm acelerado os bastidores da implementação.

“Já são cerca de vinte estados com currículos aprovados, homologados ou colocados em consulta pública, com alguns estabelecimentos de ensino já aplicando as medidas em escolas-piloto, tanto na rede pública quanto privada”, observa.

A diretora do Mathema e ex-secretária de Educação Básica do MEC, professora Kátia Smole, também reconhece o bom andamento dos trabalhos de planejamento. “Há um ano estávamos fazendo ações para a construção dos currículos e esse movimento não parou, pelo contrário, foi incorporado ao processo o Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais e Distrital de Educação (Foncede), que criou um subgrupo de trabalho para apoiar na análise e discussão dos currículos que chegariam”, diz.

Após doze meses de atividades, o avanço nessa etapa pode ser notado em todo o território nacional (ver infográfico).

FORMAÇÃO CONTINUADA

Ponto fundamental da implementação do Novo Ensino Médio, a forma como os docentes vão desempenhar essas mudanças em sala de aula também recebe atenção especial nessa etapa. Ao colocar no centro do processo a formação integral do aluno, indo muito além da memorização de conceitos, a capacitação dos professores, tanto a

inicial quanto a continuada, exige um planejamento específico e cuidadoso.

Na prática, esses profissionais devem receber conhecimentos para inovar nas rotinas pedagógicas, no desenvolvimento de um canal com os estudantes, para permitir que seja um processo de crescimento constante, para ambas as partes.

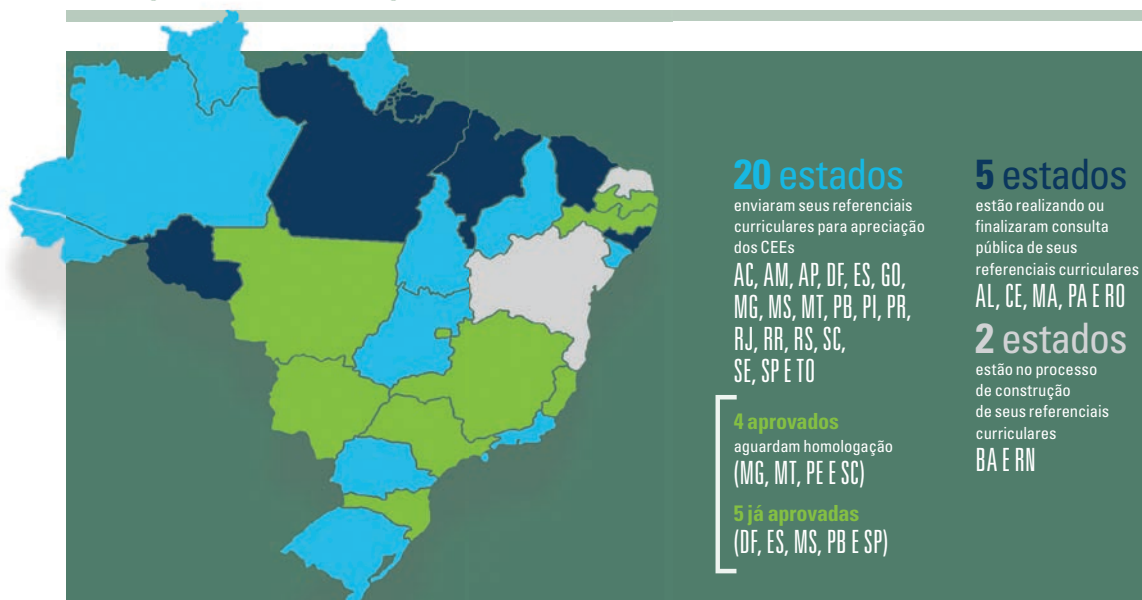
Sobre esse pilar, a professora Smole aponta que já se trata de uma realidade no planejamento de algumas regiões do país. “São Paulo está implementando o seu currículo e já iniciou a parceria para o itinerário formativo V (formação técnica e profissional) com o Centro Paula Souza, que já está inclusive funcionando em caráter experimental e deve ser ampliado em 2022”, cita.

Nesse mesmo estado, o desenho e a organização de itinerários formativos estão a pleno vapor.

“Temos outras unidades federativas, como Maranhão, Mato Grosso do Sul, Pernambuco, Espírito Santo e Paraíba fazendo os programas de formação continuada dos educadores, que deverão ser implementados no segundo semestre”, complementa.

NOVO ENSINO MÉDIO – ABRIL DE 2021

AVANÇO NA CONSTRUÇÃO CURRICULAR



Fonte: Observatório movimento todos pela base.

CONTEÚDO ALINHADO AO NOVO ENSINO MÉDIO

Tornar a experiência de aprendizado dos estudantes única. Esse é o objetivo da coleção para o Novo Ensino Médio do FTD Sistema de Ensino, elaborada para oferecer conteúdos completos, com rigor conceitual, modernos e flexíveis.

“Todas as habilidades e competências previstas na BNCC do Ensino Médio são trabalhadas ao longo do material da Formação Geral Básica, dos Itinerários Formativos, dos Aceleradores de Resultado e dos recursos e conteúdos da iônica”, explica o gerente Editorial, Júlio Ibrahim.

Do texto teórico aos recursos e conteúdos digitais, o professor terá à sua disposição um material completo e flexível, que adequa às diferentes necessidades e realidades dos adotantes.

“Todos os capítulos da Formação Geral Básica, por exemplo, integram videoaulas produzidas por professores, em linguagem diferenciada e dinâmica, facilitando a aprendizagem e revisão dos conteúdos que foram estudados”, conta.

SOLUÇÃO COMPLETA

A FTD Educação integra o Programa Nacional do Livro e do Material Didático com obras de qualidade e soluções completas para a rede na Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e PNLD Literário.

Mais informações no site pnld.ftd.com.br.

Outras propostas para esse treinamento são os programas Nosso Ensino Médio, parceria do Instituto Reúna, Instituto Iungo e Itaú Educação e Trabalho; o MEC também retomou as ações do Programa de Apoio ao Novo Ensino Médio em parceria com o Banco Mundial e os estados.

PNLD E ENEM

Aprovação dos currículos, formação dos professores, estabelecimento das diretrizes do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), deliberação sobre as avaliações e, também, a estruturação das escolas.

Nessa jornada de planejamento, que mostra um resumo para a implementação do Novo Ensino Médio nas escolas brasileiras, o PNLD ocupa ambiente de destaque. O edital do programa para as obras da Formação Geral Básica já foi publicado e, o que trata do material didático das áreas de conhecimento, encontra-se em andamento, com o objetivo da utilização desses livros em 2022.

Outra definição importante ainda não concluída refere-se à abordagem das novas medidas na composição da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). “É necessária uma clareza

maior na forma como será o exame com as etapas dos itinerários formativos em seu cronograma”, salienta Deschamps. Na visão do especialista, a questão é relevante, inclusive, para outros temas como a elaboração dos currículos e a formação dos professores.

Esse é um dos desafios na composição dos atributos necessários para a implementação das mudanças. Outro ponto, para o professor, é a própria questão da abordagem com os materiais disponíveis. “Vai mudar a sua forma de atuação com o conteúdo; o professor deixa de ser isolado, tem a interdisciplinaridade e o multiplanejamento”, comenta. Nesse ponto, explica, existe uma situação comum entre as redes pública e privada – a formação inicial dos profissionais de ambas unidades é a mesma – são egressos de uma estrutura universitária semelhante.

Apesar de ainda termos um Ensino Médio que direciona o aluno para uma jornada para o Ensino Superior, Deschamps acredita que a presença das parcerias e os itinerários formativos com a qualificação profissional podem abrir novas possibilidades a esses estudantes, em especial na estrutura da rede pública. 🌐

Carga horária estendida e escolas bilíngues: o que você precisa saber

Apesar de ser um tema presente nas diversas abordagens sobre a **BNCC**, ainda há dúvidas sobre as aplicações e características de cada um deles. Preparamos um guia sobre o assunto

Para delimitar, no ensino de idiomas, as principais diferenças gerenciais entre a carga horária estendida e as escolas bilíngues, convidamos a pesquisadora na área de Bilinguismo e Educação

Bilíngue, Rita Ladeia, que elencou os principais pontos de cada modelo.

As diferenças vão desde a carga horária até a formação dos professores – mas há alguns pontos de convergência em ambos os formatos. 





ESCOLA BILÍNGUE

TEMPO

Precisam seguir a regulamentação nova, quando homologada: mínimo de 30% e máximo de 50% da carga horária na segunda língua do currículo.

CURRÍCULO

Precisam ter, obrigatoriamente, um currículo integrado – os conteúdos das aulas em segunda língua de instrução precisam ter vínculos significativos com os conteúdos lecionados na primeira língua. Vale lembrar que currículo integrado não significa repetir ou traduzir práticas pedagógicas de uma língua para outra. Trata-se de um movimento muito mais complexo, de articulação de práticas pedagógicas, para que o que for feito em uma língua seja ampliado, aprofundado e praticado na outra também, sem repetição ou tradução de atividades.

FORMAÇÃO DOCENTE

O documento especifica exigências complementares apenas para os professores na educação bilíngue:

- Comprovação de proficiência mínima B2 (CEFR);
- Curso de extensão, especialização ou pós-graduação *stricto sensu*, sempre com área de concentração em educação bilíngue.

PÚBLICO ALCANÇADO NAS ESCOLAS

Precisam oferecer o currículo bilíngue em todos os seus segmentos em que a escola atue. Se for o caso, do Ensino Infantil ao término do Ensino Médio.

CARGA HORÁRIA ESTENDIDA

TEMPO

Podem ter uma carga horária menor (o dobro da carga horária regular). Se é de duas aulas semanais, as escolas com carga horária estendida precisam ter, no mínimo, 3 horas por semana, o que corresponde a mais ou menos 4 aulas de 45 minutos de duração cada, por semana.

CURRÍCULO

São mais livres para atuar na proposta pedagógica na segunda língua de instrução, pois podem escolher temas com mais flexibilidade e independência do currículo em primeira língua, focalizando o desenvolvimento de habilidades e competências no segundo idioma, articulado com os objetivos gerais da escola, mas não necessariamente de formas simultânea e integrada nas duas línguas.

PÚBLICO ALCANÇADO NAS ESCOLAS

Também precisam oferecer o serviço em todos os segmentos da escola e a todos os estudantes.

Fonte: Rita Ladeia, Pesquisadora nas áreas de Bilinguismo e Educação Bilíngue

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

Tanto as escolas bilíngues quanto as de carga horária estendida, apesar das diferenças na intensidade dos períodos, precisam seguir algumas exigências em comum.

Por exemplo, as prerrogativas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino de idiomas.

Outro ponto exigido é a inclusão, na base diversificada do currículo, de projetos

transdisciplinares e desdobramentos da base comum – por exemplo, Ciências e Science, Matemática e Math etc.

Em tempo, no texto atual, se for homologado da forma hoje apresentada, é preciso que uma das disciplinas da base comum seja completamente ministrada na segunda língua de instrução (Matemática, Ciências, História ou Geografia).

TEMPOS DE ADAPTAÇÃO

Apesar de a BNCC ser o ponto de partida para as propostas educacionais nesse segmento em todo o território nacional, a professora Rita Ladeia, diretora pedagógica do Instituto Carpe Diem e que já atuou como professora da pós-graduação em Ensino Bilíngue do Instituto Singularidades, reconhece algumas particularidades do momento atual. “Vale lembrar que 2020 foi o primeiro ano obrigatório de uso da BNCC e que a pandemia passou a ser o assunto do ano letivo, e não a base”, comenta.

Na visão da especialista, as escolas bilíngues estão se reestruturando à luz das novas diretrizes e isso as leva, forçosamente, a uma releitura da BNCC, para que as práticas sejam integradas nas duas línguas de instrução. “As escolas bilíngues por excelência já constroem seus currículos assim; as instituições menos experientes estão, certamente, em fase de adaptação, o que é absolutamente normal, uma vez que o documento ainda aguarda homologação”, pontua.

Com relação aos movimentos nas escolas públicas, Ladeia observa que as iniciativas têm crescido muito nos últimos anos, sendo que boa parte delas ainda atua na vertente do Communicative Approach, ou seja, unidades que têm na língua ainda um dos principais objetivos. “É necessário um salto metodológico para que alcancem abordagens mais compatíveis com a educação bilíngue, mas o que importa é a iniciativa de oferecer nas escolas públicas a possibilidade de formação de bilíngues para tantas crianças e jovens”, afirma.

3 DESAFIOS PARA O ENSINO BILÍNGUE NA REALIDADE BRASILEIRA

1 Formação de professores – “É, certamente, o maior desafio. Não falo de docentes mal formados, mas de nossos cursos de ensino superior que não abordam temas necessários para a atuação na educação bilíngue”, reconhece Ladeia.

2 Carga horária semanal – “Na maioria das escolas, é insuficiente para dar conta das demandas do currículo em português e, ainda, é preciso expandi-lo para uma proposta bilíngue consistente”, diz.

3 Financeiro – “É um projeto de alto investimento financeiro, com a estruturação da escola em recursos didáticos suficientes, biblioteca bilíngue, jogos e atividades de apoio ao professor no planejamento de suas aulas”, comenta.

Diante das novas determinações e delimitações, a docente acredita que a tendência é a gradual execução das medidas com sucesso nos mais diversos perfis educacionais. “Vejo que é uma questão de tempo, de amadurecimento de propostas, de formação de professores e, antes de tudo, de superação da pandemia, para que possamos voltar a planejar expansões e novas oportunidades de aprendizagem para os estudantes, tanto na esfera pública quanto na privada”, conclui.

EVOLUÇÃO PARA ALUNOS E ESCOLAS

Para estabelecer carga horária estendida a escolas em todos os seus segmentos básicos, a FTD Educação oferece o programa StandFor Evolution.

“Do Ensino Infantil ao Ensino Médio, o aluno é preparado para os desafios atuais que vão além do conhecimento da informação, mas requerem a capacidade de planejar, criar, analisar, refletir, (re)aprender, (con)viver, lidar com frustrações e sonhar para construir um mundo sustentável, solidário e justo”, explica a diretora de Conteúdo e Negócios da FTD Educação, Carol Lopes.

O programa trabalha com metodologias ativas, como CLIL (Content and Language Integrated Learning), STEAM (Science, Technology, Engineering, Arts, and Math), PBL (Project-based Learning) e SEL (Social-Emotional Learning) e o desenvolvimento de competências para o século XXI.

“Com essa diversidade de aulas, estimulamos o protagonismo dos alunos no processo de tornarem-se cidadãos bilíngues”, ressalta.

A relação entre a atitude empreendedora na escola e um mundo melhor

**Trabalhar temas como
empreendedorismo e projeto de
vida pode ter relação direta com
a formação de seres humanos
mais comprometidos com o
conceito de excelência em
suas atitudes**



O jogador de basquete Kobe Bryant, ala-armador do Los Angeles Lakers, que morreu em 2020, vítima de um acidente de helicóptero, marcou mais de 33 mil pontos na carreira, acumulando US\$ 328 milhões apenas nas quadras (mais outros US\$ 350 milhões em publicidade).

Aos 20 anos de carreira, a cantora pop Beyoncé, coleciona cerca de 600 indicações das maiores premiações do mundo da música e cultura pop – sendo premiada em mais da metade delas.

O jogador de futebol português Cristiano Ronaldo, que fez fama no espanhol Real Madrid, mas que hoje atua na italiana Juventus, é considerado um dos maiores artilheiros da história: marcou mais de 770 gols, em uma contagem que ainda está em andamento.

“Esses são exemplos de profissionais que não se contentaram em fazer simplesmente o ‘ok’, mas que souberam utilizar as bases do aprendizado constante e da humildade, para mostrar ao mundo que, para eles, não existe performance básica”. A explicação é do psicoterapeuta e escritor, Leo Fraiman, e está relacionada às formas de identificar, no processo educacional, o comportamento empreendedor e outras competências socioemocionais.

Características que, segundo o autor da metodologia OPEE, podem ser exemplificadas tanto nos grandes expoentes de cada área como, também, em pessoas comuns.

CONTRIBUIR COM UM MUNDO MELHOR

Trabalhar o empreendedorismo nos bancos escolares se aproxima de um compromisso ético que está ligado ao ato de contribuir com o mundo da melhor forma possível. “Na prática, se eu ver um problema eu penso como ajudar; se vejo uma dificuldade, procuro o melhor ângulo para encará-la; se tenho uma derrota ou frustração, busco uma forma mais humanizada, auto compassiva e proativa de lidar com aquilo”, ressalta Fraiman.

Apesar do início deste artigo citar grandes nomes em suas áreas de atuação, a atitude empreen-

dedora está em todos os campos e profissões – no desempenho de cada atividade das melhores e mais nobres formas possíveis. “Você pode ter um funcionário público empreendedor, um bom profissional que não permita, por exemplo, a compra de uma ambulância com teto solar, que não autorize a compra de um carro fúnebre de luxo. É o ato de fazer ao mundo o meu melhor”, diz.

FORMAÇÃO INTEGRAL

Diante dos desafios de um cotidiano complexo, exigente, ambivalente e com pouca clareza, trabalhar o projeto de vida com os alunos assume uma característica fundamental.

“Matemática, Física, Química etc, sempre foram e sempre serão importantes – são a base para a memória de longo prazo, pois fornecem a essência do pensamento lógico analítico completo”, pontua o psicoterapeuta. As competências socioemocionais, destacadas no texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aliadas a esses temas, atuam de maneira importante na formação do cidadão.

“Dentre elas, o projeto de vida e atitude empreendedora oferecem a uma formação integral e integrada – e é preciso que isso seja um trabalho feito não apenas em uma aula, mas por diversas frentes dentro do contexto escolar”, complementa.

GOSTO PELA VIDA

O autor, que costuma ter seus conteúdos “viralizados” nas redes sociais pelo impacto que as palavras causam nas mais diversas audiências, ressalta a importância de se ir além do currículo, para incentivar o que ele classifica de “gosto pela vida”.

“Talvez seja um dos grandes desafios da escola: ajudar crianças e adolescentes a apreciarem a si mesmos e aos demais, ao país, ao mundo, ao planeta e ao futuro – o projeto de vida se relaciona com esse ato de auto responsabilidade”, pontua.

Na prática, o especialista enxerga um terreno fértil para abordagens em sala de aula, seja nas metodologias, seja nos exemplos atuais de como os esforços que estão sendo depositados para a difusão de hábitos de higiene e o desenvolvimen-

to de vacinas, a preocupação com o meio ambiente e o reaproveitamento de alimentos, para um consumo mais sustentável.

O cidadão do futuro, explica Fraiman, é aquele que está disposto a “aprender e a reaprender, a usufruir e a criar, que tem todos os recursos cognitivos, emocionais, sociais e espirituais”.

COMO AVALIAR ESSES CONCEITOS?

Os contextos acima explorados têm como base o caráter socioemocional, um tema presente em quase 50% das competências gerais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Das dez elencadas no texto, quatro são dessa natureza: Autonomia e responsabilidade; Empatia e cooperação; Autoconhecimento e autocuidado; e Autogestão.

Com o objetivo de proporcionar uma abordagem mais humana, a proposta é que esses pilares sejam trabalhados de forma transdisciplinar, para estabelecer uma formação integral dos estudantes.

E isso significa trabalhar com essas temáticas em todas suas possibilidades. Além da autoavaliação, que é um exercício natural a que o aluno é incentivado nessas áreas, há, ainda, outras formas de se obter métricas sobre esse conhecimento.

Com a missão de permitir uma avaliação diagnóstica sobre o desenvolvimento socioemocional de uma determinada turma de estudantes ou rede, o Instituto Ayrton Senna desenvolveu um instrumento psicométrico. “O SENNA mapeia o perfil das características pessoais socioemocionais no contexto escolar (e que podem ser trabalhadas nos

NÃO EXISTE “FÓRMULA MÁGICA” NO EMPREENDEDORISMO

– POR LEO FRAIMAN

“Esse é o grande ‘segredo’ a ser ensinado para os alunos: não existe ‘segredo’ na construção do sucesso. O que há, de fato, são competências que podem e devem ser treinadas ao longo da vida e que envolvem, novamente, o aprendizado das matérias escolares. Essa base chamada aprender a pensar é o que nos dá a potencialidade de criar, intuir, prosperar, em resumo, empreender. É um erro muito grave desprezar os conteúdos formais da escola achando que o empreendedorismo pode andar de forma independente da aprendizagem cognitiva formal da escola. Na verdade uma completa a outra.”



ambientes de aprendizagem), com bons indicadores de confiabilidade e validade científica”, detalha a gerente de Projetos do instituto, Juliana Candian.

O resultado, afirma, permite entender o desenvolvimento atual das competências socioemocionais para auxiliar na tomada de decisão política e de gestão dos ambientes educacionais.

O instrumento tem como público alvo os estudantes do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano) e do Ensino Médio (1º ao 3º ano). 🌐

SUSTENTAR EIXOS DAS FORMAÇÃO HUMANA

Para trabalhar temas como projeto de vida e empreendedorismo, os conteúdos da metodologia OPEE oferecem subsídios para atuar em pilares como formação humana, o autoconhecimento, a inteligência emocional e a atitude empreendedora – a FTD Educação tem parceria exclusiva com a iniciativa.

“A coleção de Projeto de Vida e Empreendedorismo contempla toda a educação básica, ou seja, da Educação Infantil ao Ensino Médio”, ressalta a gerente de Produtos e Inteligência Competitiva, Roberta Campanini.

Com produtos direcionados tanto ao aluno quanto ao docente e à família, teve sua matriz iniciada há mais de uma década. “A expectativa na comunidade escolar é que os alunos sejam mais conscientes e empreendedores da sua própria vida”, conclui.



O jogo, o aprendizado e a sociedade

Dinâmica presente desde os primórdios da humanidade, a gamificação na educação foi facilitada pela tecnologia – mas é preciso entender a essência dessas interações



As telas dessa página são formadas por jogos oferecidos no repositório da plataforma iônica

Aparelhos de última geração, recursos 3D, inteligência artificial, hologramas etc. Não é difícil se deparar com recursos tecnológicos dessa natureza quando se fala no uso de *games* nos processos educacionais.

Se por um lado essas ferramentas viabilizam a entrega dessas soluções de forma mais rápida e eficiente, por outro, docentes e produtores de conteúdo são convidados, cada vez mais, a entender as matrizes do significado de jogo, para enxergar as bases do desenvolvimento dessas propostas.

Na opinião do especialista em tecnologias educacionais, Carlos Seabra, esse é um cuidado que deve ser priorizado na aplicação desses conceitos. “É muito fácil cair no erro de criar dinâmicas divertidas, mas que não acrescentam nada na facilitação e estímulo à aprendizagem, podendo até mesmo ser um forte distrator dos reais objetivos educacionais”, alerta o professor e consultor de projetos do Instituto Crescer, que dedica toda sua carreira ao estudo das possibilidades do uso de *games* e interações na área de educação.

OS PRIMÓRDIOS DO GAME

Antes de apertar o *start* na sala de aula, o especialista faz um convite para tempos mais distantes, para as páginas do livro *Homo Ludens*, escrito em 1938, por Johan Huizinga.

No conteúdo desse material, o jogo está presente nas relações das pessoas, no decorrer da história da humanidade. “Quando um cachorrinho está brigando com outro, não é de verdade; estão brincan-

do de brigar e se preparando para futuras disputas pela fêmea, pelo território ou pelo alimento”, exemplifica Seabra.

Citando Huizinga, “é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve”.

Na prática, o que o especialista defende é que o professor esteja consciente da questão da aprendizagem lúdica, da forma mais profunda e significativa.

A ideia é a compreensão de que o jogo ocorre em várias tecnologias, sejam analógicas ou digitais, pois ele “roda” na cabeça dos jogadores. “Nossa vida é um *game*: podemos pensar no planeta como um tabuleiro, pois ele é todo cheio de ‘casinhas’, latitudes, longitudes – e nós somos as peças”, ressalta.

ESSA TAL GAMIFICAÇÃO

A gamificação ou, como defende o professor, a ludificação, vai muito além da criação de jogos para gerar dinâmicas interativas que vão motivar ou engajar participantes.

“Além de mecânicas divertidas e estimulantes à participação, obtidas geralmente através de pontuação para a maioria das ações do usuário, que pode ganhar também *badges* (distintivos, troféus ou medalhas), outro fator importante são as eventuais premiações dos participantes com os melhores resultados”, detalha.

GAMIFICAÇÃO: 3 “COMANDOS” PRÁTICOS PARA O PROFESSOR

- 1** Pergunte e estimule os alunos sobre os jogos que eles têm jogado;
- 2** Peça que eles verbalizem o que aprenderam – não apenas sobre o conteúdo curricular, mas sobre qualquer aprendizagem;
- 3** Perceba como eles reagem, suas estratégias e como lidam com as vitórias e as derrotas – é uma oportunidade ímpar de um olhar para seu raciocínio e emoções.

Fonte: Carlos Seabra, especialista em tecnologias educacionais

Seabra, especialista em tecnologia na educação: “Nossa vida é um *game*”



Divulgação

UM “OCEANO” DE GAMES NA IÔNICA

Dentre as tantas possibilidades que a iônica, ambiente digital da FTD Educação, oferece a toda comunidade escolar, está um forte aliado ao processo de gamificação e todos os seus benefícios de aprendizagem.

Estamos falando do numeroso repositório de recursos digitais que, além de vídeos, áudios e objetos de interação diversos, também oferece jogos para as mais diversas aplicações.

“Os *games* oferecidos podem ser aplicados em qualquer contexto, como recursos diretos ou complementares na aprendizagem”, explica o gerente de Engajamento Digital, Gabriel Rubira. “É um recurso versátil, que pode ser utilizado individualmente ou sob a orientação dos caminhos de aprendizagem sugeridos pelo conteúdo didático”, diz.

FEEDBACKS AO DOCENTE

São disponibilizadas opções para atividades da Educação Infantil ao Ensino Médio. Na iônica, o usuário tem facilidade em executar sua busca de forma direta, fazendo uma sondagem das principais características esperadas naquele objeto digital, que pode ser direcionado e compartilhado para todos os públicos. Os produtos são desenvolvidos com recursos específicos que possibilitam, inclusive, *feedbacks* para o docente, que pode acompanhar o desempenho do aluno naquela interação – sua nota, se conseguiu concluir o desafio etc.

“É um tipo de atividade que não pode ser encarada, apenas, como uma forma de cumprir um currículo – o mais importante é trazer uma experiência nova e marcante na aprendizagem”, conclui Rubira.

Para o especialista, a interação entre os *players* deve sempre procurar mesclar a cooperação e a competitividade, por um lado, e dosar bem os aspectos de sorte (que são aleatórios) com a estratégia de decisão e construção do jogador (sob utilização de seu raciocínio).

As plataformas digitais, avalia Seabra, podem facilitar muito esse processo, porém o essencial é que o mecanismo de interação lúdica tenha uma lógica estrutural adequada à organização e articulação dos conteúdos e, principalmente, que permita trabalhar adequadamente no desenvolvimento das habilidades e competências pensadas no plano pedagógico.

AVISO AOS PLAYERS

Diante da importância de um entendimento mais profundo sobre a questão, perguntamos a Seabra a respeito de sugestões e direcionamentos para profissionais que buscam uma aproximação com os conceitos da gamificação aplicada em sala de aula (leia no *boxe*).

Sobre as plataformas digitais, o especialista orienta para que o fascínio pela novidade seja deixado de lado, para que o foco seja a análise dessa prática sob metodologias científicas. “Tabulando e observando os resultados obtidos, mensurando os benefícios cognitivos, comparando com outros

processos; o ganho motivacional geralmente é inequívoco, mas na maioria das vezes, a proposta pedagógica é fraca e os resultados positivos devem-se mais à atenção investida do que à metodologia propriamente dita”, pontua.

O uso efetivo do lúdico na educação, observa, está vinculado à necessidade de criar condições e conquistar espaço e tempo. Na prática, o atual esquema educacional impede que professores usem jogos – a não ser em pequenas experiências específicas – na escola.

“Um professor que usar contínua, consequente e estruturalmente os jogos na educação terá sérias resistências da administração da escola, dos pais de alunos, de seus pares e muitas vezes até dos próprios estudantes”, avalia o professor, complementando que, apesar de as possibilidades serem inúmeras, o objetivo desejável e os resultados relevantes, o processo de aplicação exige a mudança de inúmeros paradigmas, que devem envolver toda comunidade escolar.

O especialista finaliza frisando que, a escola, no entanto, não pode achar que sua função é ensinar os alunos a buscar entretenimento e prazer nas atividades lúdicas. “O uso dos jogos deve ter o propósito de contribuir com o desenvolvimento do intelecto do aluno”, conclui. 🌀

Quatro verdades e uma mentira

sobre a literatura digital
nos dias de hoje

As formas de consumir conteúdos
que estejam fora do meio impresso
ainda vivem uma transição;
mas já é possível tirar algumas
conclusões sobre como essas
dinâmicas impactam nos
hábitos de leitura



Em 1912, os funcionários da redação do Jornal do Brasil, localizada no Rio de Janeiro (RJ), receberam com espanto as novas ferramentas que fariam parte daquele ambiente de trabalho: três máquinas de escrever. Como lembra o professor e pesquisador Nelson Varón Cadena, em artigo sobre o tema, a chegada do novo aparato, que já era conhecido e ocupava, há anos, as repartições públicas, causou muita polêmica.

Encabeçada por jornalistas veteranos, houve resistência em substituir a caneta bico de pena nas rotinas diárias – e a popularização do recurso em escala nacional na mídia impressa deu-se, apenas, no final dos anos 1920.

O exemplo acima tem como base a imprensa, mas serve para outras transições tecnológicas – uma delas, intrinsecamente ligada à educação, é a relação entre as tecnologias digitais e a literatura.

Para discutir as possibilidades e avanços dos recursos da literatura, convidamos a professora e pesquisadora em leitura digital e multimodalidade, Aline Frederico, para reunir alguns insights sobre o tema e sua aplicação no ensino. A doutora, que é co-fundadora do coletivo Leitura na Tela, selecionou quatro verdades e uma mentira sobre esse assunto.

Aline Frederico, do Leitura na Tela: “Quando pensamos ser gratuito, geralmente há um custo ‘invisível’ envolvido”



Crianças, jovens, adultos... Todos precisam aprender a ler textos e linguagens do meio digital



“É comum escutarmos que ‘as crianças já nascem sabendo operar os dispositivos digitais’, mas as pesquisas mostram que isso não é verdade. Claro: crianças aprendem, muitas vezes, mais rápido que os adultos, mas a leitura digital é muito complexa, envolve muitas linguagens, padrões de resposta, participação e interatividade. Ler um meme não é o mesmo que ler uma obra de literatura digital, que não é o mesmo de ler um infográfico interativo, que não é o mesmo de ler um game etc.”

A literatura digital é uma importante ferramenta para ampliar o alcance dos livros



“Num país como o Brasil, em que as chances de ter livros são tão desiguais, a questão do acesso é fundamental e há crianças em todo lugar consultando obras de qualidade, por meio de bibliotecas virtuais. Poder ter contato com acervos inteiros com um clique, amplia enormemente o acesso à informação, à literatura e à leitura. As pesquisas também sugerem que a leitura digital atinge seu potencial máximo, especialmente na infância, quando faz uso das possibilidades hipermediáticas e multimodais, isto é, quando são usadas imagens, animações, som, interatividade, de formas integrada e significativa para transmitir um determinado conteúdo.”

Estamos em um cenário novo



“Falando da literatura digital mais especificamente, ela traz novas possibilidades de tocar o universo simbólico e sensorial do leitor, de maneiras que não são possíveis com a literatura impressa. O meio digital também possibilita a integração de diversas linguagens e formas de leitura. Exige que o leitor aprenda a ler e a se expressar não só com palavras, mas com imagens, com linguagem audiovisual e em integração e comunicação cons-

tantes com a obra e com outros leitores. Ainda é cedo para ter conclusões absolutas e, talvez, nunca venhamos a ter, porque ler no ambiente digital pode apresentar muitas configurações diferentes, o que faz da comparação quase impossível”.

Ainda existe um estigma de que os conteúdos em ambiente digital são (ou devem ser) gratuitos



“Infelizmente, as pessoas ainda acham que, porque pagam pelos dispositivos, não devem pagar pelos conteúdos. Mas não são as empresas de tecnologia que produzem esse material. Quando acessamos um conteúdo que achamos ser gratuito, geralmente há um custo ‘invisível’ envolvido. Não podemos ser ingênuos, produzir conteúdo digital custa caro e, se ele está ali aparentemente de graça, significa que o estamos custeando sem nos dar conta – seja pela publicidade, pela venda das informações pessoais, dos nossos gostos, hábitos e padrões de uso da internet, muitas vezes sem total conhecimento e consentimento. Precisamos entender que autores, ilustradores, editores, artistas etc., são profissionais que precisam ser remunerados e, se queremos um conteúdo ‘gratuito’, devemos exigir dos nossos governantes o investimento em leis de incentivo à cultura.”

A literatura digital vai substituir e tornar obsoleta a leitura no papel



“Não acredito que a substituição vá ocorrer algum dia. Apesar de todos os desenvolvimentos tecnológicos desde a revolução industrial, com a fotografia, o rádio, o cinema, a TV e os meios digitais, a leitura em formato impresso permanece porque ela traz uma série de características que os outros meios não apresentam. As pesquisas indicam que, para ler um texto longo e complexo, com muita concentração, o formato impresso ainda é o melhor. Mas a leitura digital tem outras vantagens, como permitir o acesso em locais onde livros e bibliotecas são escassos, por exemplo”. 📖

O BOOM DE 2010

Por ser um mercado que acompanha de perto, a professora Aline Frederico, que também pesquisa literatura infantil, comenta um fenômeno interessante que o mercado registrou no início da década passada – e que mostra como o contexto da literatura digital ainda não está totalmente estabilizado.

“No início dos anos 2010, com o acesso a smartphones e tablets, houve um grande *boom* de produção de narrativas digitais para crianças, mas, ao longo da década, muitas empresas fecharam e as obras literalmente desapareceram”, recorda-se.

Ao contrário do que se pensa, a especialista esclarece que é muito mais fácil uma obra do meio digital deixar de existir completamente, do que uma impressa. “O resultado é que hoje temos menos títulos de literatura digital disponíveis do que há cinco anos”, diz.

A pesquisadora observa que apenas as produções de grandes corporações sobrevivem, o que representa uma perda do ponto de vista de acervo histórico e diversidade cultural.

UM SEGMENTO, MÚLTIPLAS MODALIDADES

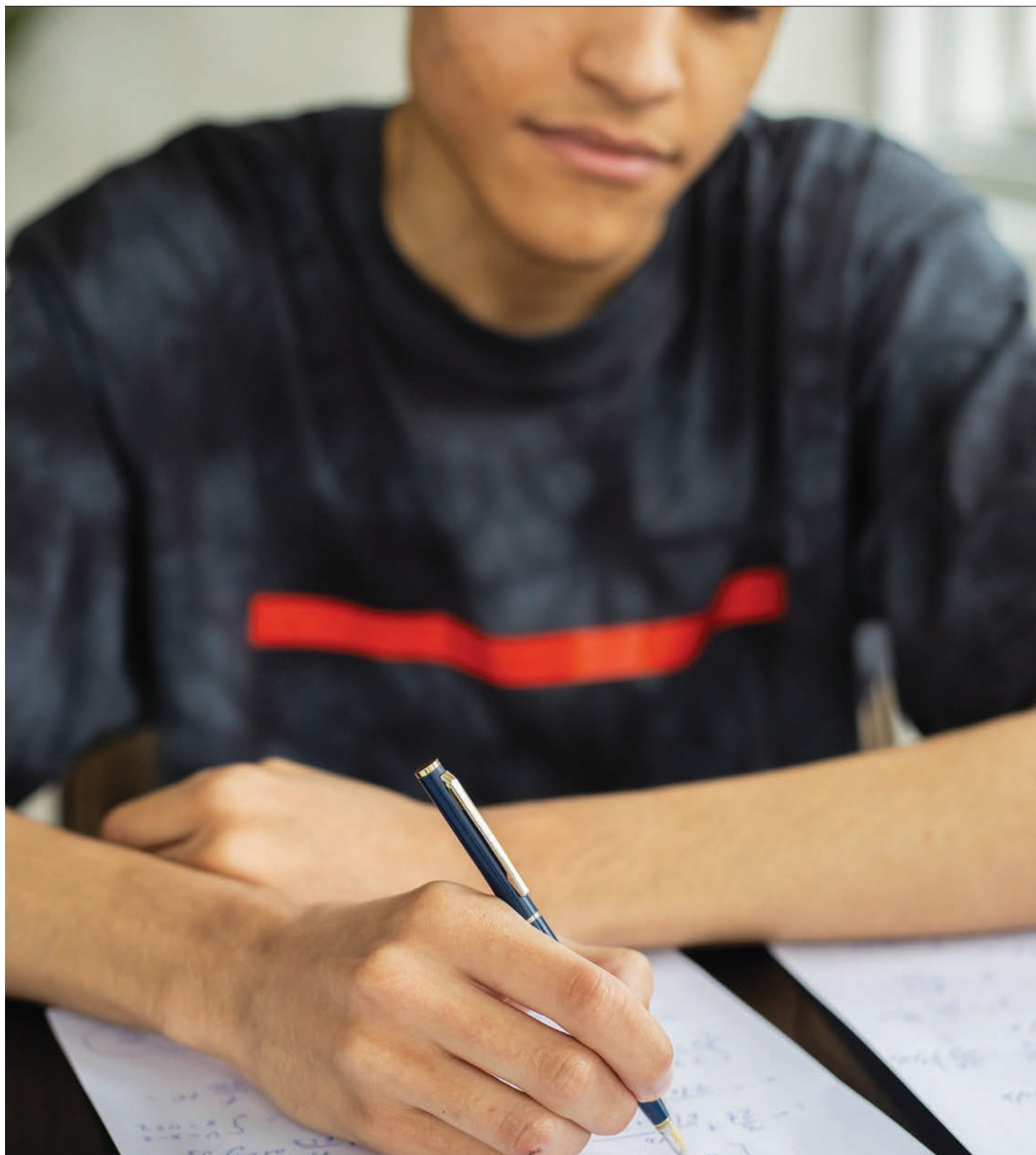
A literatura digital possibilita transformações no processo de leitura e consumo de conteúdos que se desdobram em um grande número de caminhos.

“É possível afirmar que hoje temos um mercado de literatura digital em várias modalidades: via plataformas de assinatura e lojas virtuais no cenário B2C (sigla em inglês para o termo ‘da empresa para o consumidor’) e B2B (sigla para ‘de empresa para empresa’)”, explica a gerente Editorial de Projetos Especiais da FTD Educação, Isabel Lopes Coelho.

Na literatura digital, um ponto importante na relação entre o conteúdo oferecido e o público final, está na estrutura de distribuição desse material. “Facilidade de acesso e popularização, infelizmente, não dependem dos produtores, mas sim da estrutura que o usuário tem: uma boa rede, um *device* de qualidade – temos no Brasil de hoje realidades bem diferentes sobre esse tema”, comenta. Esse tipo de estrutura vai definir qual o formato mais adequado a cada realidade.

UMA NOVA LITERATURA

Diante do crescente universo tecnológico de combinações e formas de desenvolvimento narrativo, a gerente acredita que estamos vivenciando, de fato, as trilhas de uma nova literatura. “Há algum tempo, já temos denominações para novas possibilidades, como *interactive fiction* (IF), *adventure point and click*, que já podem ser consideradas modalidades independentes da literatura linear tradicional”, cita.



Muito além da prova e da nota

Apesar de apresentar evidentes questões sensíveis quanto à sua eficiência, especialistas comentam as dificuldades de mudar as formas de avaliar os estudantes

Discutir os processos de avaliação de estudantes no Brasil não é tarefa simples. O tema traz complexidade, pois envolve de maneira direta o trabalho dos professores, o desempenho dos alunos e, inclusive, as figuras dos pais e familiares.

Ao mesmo tempo em que as chamadas avaliações de aprendizagem definem caminhos importantes para a evolução do estudante em sua vida escolar, a forma como essas dinâmicas são executadas de-

notam pontos sensíveis, que costumam estar em pauta nas discussões gerenciais, mas que representam mudanças difíceis de serem concretizadas.

Como ressalta a consultora-técnica da Primeira Escolha, Aline dos Reis Matheus, ainda vivenciamos um modelo sancionador e punitivista desses testes. “Existe, há bastante tempo, um desejo por parte dos educadores – e até mesmo das famílias e alunos – de que essa avaliação seja menos classificatória, sancionadora e mais emancipatória, formativa, que promova a aprendizagem etc”, enu-



Matheus, da Primeira Escolha: “Avaliações sejam menos classificatórias e mais emancipatórias”.

mera a especialista em avaliação que, porém, observa: “a despeito desse desejo, a gente percebe que é mais difícil fazer isso na prática”.

O PROBLEMA DE “ENXERGAR” UM ÚNICO MOMENTO

Em um contexto onde, para muitos agentes envolvidos no processo educacional, o processo de classificar a aprendizagem acaba tendo o sentido resumido de aplicar prova e atribuir nota, o processo de avaliar a aprendizagem, da forma como vem sendo feito há muito tempo, registra um ponto que é encarado como uma problemática na questão.

Ao ser preenchida, a prova está registrando um período muito específico, curto em restrito de

toda jornada daquele estudante. “A gente quer fazer inferências gerais sobre a aprendizagem a partir do desempenho do aluno em um evento amostral, sob um instrumento mal elaborado, em um momento muito pontual – o que revela uma série de aspectos relacionados à validade desse processo”, comenta a especialista.

O fato de isso não ser nenhum tipo de novidade, analisa Matheus, motivou pesquisadores desse tipo de dinâmica a chamar o fracasso escolar de um ato fabricado. “Significa que esse problema está relacionado, também, à maneira como se escolhe avaliar – isso é algo que já está naturalizado e, muitas vezes, não se percebe que existe esse *gap* inerente a esse processo”, pontua.

A PANDEMIA E A COLA

Se antes da pandemia, o caminho utilizado para aplicação das avaliações de aprendizagem já denotava preocupações, a forma imediata como o ensino remoto teve de ser implementado, com a pandemia do novo coronavírus, em 2020, evidenciou ainda mais as falhas do modelo.

Em sua essência, a forma como esses testes são desenvolvidos hoje em dia, tem forte dependência na maneira como cada aluno vai cumprir com suas provas, sem fazer uso de alternativas facilitadoras, como a cola. No formato digital, esse tipo de barreira foi inviabilizada.

“No caso dos pequenos, os pais têm que intermediar as atividades então acabam interferindo nas respostas – e o professor, portanto, tem um desempenho muito melhor das turmas, mas é um índice no qual ele não confia”, explica a consultora-técnica.

Entre os mais velhos, o que se percebe é uma desenvoltura ainda maior em conduzir, de forma coletiva, atividades que inicialmente eram para ser encaradas individualmente.

Outras questões amplificadas com o período de isolamento e que, conseqüentemente, influenciam diretamente nas avaliações, complementa, são o engajamento dos alunos, cada vez mais dispersos nessas novas rotinas e, ainda, os preocupantes números relacionados à evasão escolar.

“A GENTE QUER FAZER INFERÊNCIAS GERAIS SOBRE A APRENDIZAGEM A PARTIR DO DESEMPENHO DO ALUNO EM UM EVENTO AMOSTRAL, SOB UM INSTRUMENTO MAL ELABORADO, EM UM MOMENTO MUITO PONTUAL”

– ALINE DOS REIS MATEUS

4 perguntas para **Chico Soares**

O especialista falou sobre passado, presente e futuro das avaliações no ensino brasileiro



José Francisco Soares é professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e foi presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) entre os anos de 2014 e 2016. Participou do Conselho Técnico do Instituto Nacional de Evaluación Educativa do México (INEE) e foi consultor do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD) para questões de avaliação educacional. Sua atuação acadêmica está concentrada no estudo de medidas de resultados educacionais, cálculo e explicação do efeito das escolas de en-

sino básico e indicadores de desigualdades educacionais.

Professor Chico, como é mais conhecido nos territórios brasileiro e internacional, respondeu a quatro perguntas sobre o tema que ele dedica grande parte de sua longa jornada profissional: a importância da forma como avaliamos nossos estudantes.

Dentre as abordagens, falou sobre as dificuldades em relacionar os processos de avaliação ao direito à aprendizagem; e também sobre as propostas de implementação e uso de sistemas em métricas nessas atividades.

É claro, também falou sobre a BNCC, tema em que teve participação, e as avaliações diagnósticas, assunto bastante presente durante a pandemia.



1 **Revista Mundo Escolar – Ainda há dificuldade da sociedade em enxergar uma relação entre a avaliação e o direito ao aprendizado?**

Chico Soares – O debate educacional brasileiro já incorporou, mas ainda não completamente, que o direito à educação se concretiza com resultados educacionais. Que são de três ordens: acesso à escola, permanência na escola, com trajetória regular, isto é, sem abandono, evasão ou repetência e, finalmente, o aprendizado do que cada criança e jovem precisa para uma inserção plena na sociedade.

A avaliação é a forma de o Estado, responsável por garantir o direito à educação, saber se está cumprindo sua função adequadamente.

“OS ATORES DO SISTEMA EDUCACIONAL PRECISAM SE DESPERTAR PARA A NECESSIDADE DO USO DA TECNOLOGIA PARA A GARANTIA DO DIREITO, DE FORMA MAIS EFETIVA.”

– JOSÉ FRANCISCO SOARES

2 **O Senhor, que foi um dos relatores da BNCC, acredita que os processos de avaliação receberam a atenção necessária? Como avalia que será a execução prática dessas propostas?**

A BNCC estará, de fato, implementada, apenas quando os docentes, na rotina de seu exercício profissional souberem desenvolver atividades, ou questões a serem usadas em suas avaliações, que reflitam os conhecimentos e habilidades incluídos na base. Estamos muito longe deste ideal. Houve, até agora, pouca ênfase na concretização da mudança na rotina da sala de aula.

3 **A utilização de métricas e o acúmulo de dados a partir dos sistemas de avaliação, para o uso estratégico no planejamento, fazem parte da realidade brasileira, atualmente?**

O uso dos dados de resultados educacionais impactou até agora, principalmente, a gestão do

sistema. O Brasil conhece tudo sobre o seu sistema de educação básica. Até os dados individuais de cada estudante e sua história de frequência às escolas estão armazenados no Inep. Sabemos também quem são os professores, as escolas, suas condições de funcionamento. Isso é um enorme avanço. Mas usamos ainda muito pouco os dados gerados na sala de aula. Sem errar o estudante não aprende. Portanto, precisamos armazenar os erros de muitos para que todos aprendam mais rápido. A inteligência artificial vai nos ajudar nisso. Os atores do sistema educacional precisam se despertar para a oportunidade e necessidade do uso da tecnologia para a garantia do direito, de forma mais efetiva.

4 Durante a pandemia, fala-se muito em avaliação de desempenho ou avaliação diagnóstica. O Senhor acredita que esse é o caminho indicado para a retomada gradual das atividades? Que outros desafios enxerga nesse processo?

A avaliação é sempre necessária. Mas, neste momento, apenas a avaliação formativa faz sentido. Ajudou pouco submeter os estudantes a testes de múltipla escolha. É preciso dar devolutivas rápidas e específicas para os estudantes que voltam com enormes déficits de aprendizado. Nosso sistema não sabe fazer isso. 🤖

APRENDIZADO E DIRECIONAMENTO

Os colégios parceiros contam com uma solução integrada de avaliação, com inteligência de dados e devolutiva de resultados que possibilita propostas de intervenção, serviços pedagógicos de alta qualidade mediados por tecnologia educacional e articulados pela FTD Educação com Consultoria Educacional Especializada.

“Produzimos, ao longo de cada ano letivo, centenas de avaliações pautadas na BNCC para estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, garantindo que o processo formativo e o diagnóstico sejam completos”, detalha a gerente de Avaliação Educacional da FTD Educação, Gabriela Capila.

PLATAFORMA

Anualmente, são disponibilizados mais de 250 mil Simulados Enem, que permitem a simulação das condições de aplicação do maior exame para acesso às universidades do país, tanto em sua versão on-line quanto presencial.

Todas as avaliações são aplicadas na plataforma da Estuda.com, um serviço especializado na operacionalização em larga escala e na análise de dados educacionais. “A plataforma é um ambiente virtual no qual o estudante poderá realizar as versões online das provas e onde terá acesso aos resultados; a equipe escolar também poderá usá-la para acompanhar e interpretar o desempenho, podendo, assim, realizar intervenções pedagógicas baseadas em evidências”, complementa.

CARREIRA

Através da plataforma Minha Escolha, com questionários on-line com situações cotidianas descritas por especialistas em psicologia, em educação e também no mercado de trabalho, de acordo com pesquisas atuais sobre carreiras e profissões, os estudantes podem indicar suas preferências, fortalecer o autoconhecimento e a reflexão.

“O perfil de carreira com maior afinidade para cada um vai sendo desenhado e com o apoio do relatório consolidado que a plataforma emite, os jovens vestibulandos conhecem os cursos que mais combinam com seu perfil e também as universidades em que poderá cursá-los”, conclui.



As crianças têm que **ser ouvidas**

Os desafios do uso
da tecnologia na
Educação Infantil
e, principalmente,
o que deve ser
prioritário nesse
tipo de interação
com os pequenos







No livro *Os cães ladram*, uma coletânea de ensaios do escritor e jornalista norte-americano, Truman Capote, uma das narrativas é intitulada *As musas são ouvidas*.

A expressão faz referência à fala de um então funcionário do alto escalão do Ministério da Cultura da extinta União Soviética, que declarava, na íntegra, que: “Quando os canhões são ouvidos, as musas se calam. Quando os canhões se calam, as musas são ouvidas”.

As musas, no caso, são as deusas da mitologia grega, que representam as artes. E a citação, em meio à rigidez da Guerra Fria, ressaltava a importância de se ouvir as manifestações artísticas, ao invés do caos bélico e conflituoso.

O título desta reportagem também flerta com essa necessidade – mas levando em conta outra relação: o que esperar das tecnologias de educação quando destinadas a um público infantil. Em uma época em que o protagonismo do aluno está no topo das discussões, qual seria a melhor forma de conduzir essas interações? Resposta: as crianças têm que ser ouvidas.

A afirmação é da doutora em Antropologia, Mestre em Educação e pedagoga, Adriana Friedmann, que dedica grande parte de sua carreira ao estudo das naturezas, linguagens e culturas desse público, que faz um alerta: “a questão – que já existia antes do isolamento – é que elas pouco eram ouvidas”.

O ISOLAMENTO E AS TELAS

Se o tema da escuta estava em pauta nos estudos, pesquisas e formações, a pandemia do novo coronavírus veio transformar, de forma dramática, a realidade não apenas dos pequenos,

Em uma época em que o protagonismo do aluno está no topo das discussões, qual seria a melhor forma de conduzir essas interações?

“OS PROFESSORES PRECISARAM SE REINVENTAR E VÊM PERCEBENDO QUE NÃO SÃO TODAS AS CRIANÇAS QUE GOSTAM DE SE MOSTRAR, SE EXPOR OU SE EXPRESSAR ATRAVÉS DAS TELAS – E O TEMPO DE AULA FICOU REDUZIDO”.

– ADRIANA FRIEDMANN, ANTROPÓLOGA





mas de todas as faixas etárias. A interrupção das aulas presenciais deixaram os filhos mais perto dos pais (muitos deles, trabalhando em *home office*) mas, por outro lado, distantes de colegas, professores, parentes e outros adultos de referência.

“Nesse sentido, a tecnologia se tornou o único meio de comunicação e, no caso das crianças, a possibilidade de ter alguma interlocução com aqueles com quem elas tinham vínculos presenciais”, pontua a antropóloga.

E quando se fala do papel protagonista dessa fase da vida, a especialista ressalta que elas carregam uma forma natural e espontânea de expressão – e que a tecnologia não fez com que elas, repentinamente, passassem a ser ouvidas.

“Talvez quem tenha escutado mais tenham sido os avós, mesmo que sem consciência do quanto sua postura é fundamental para as crianças”, analisa Friedmann, que vê como desafiadora a relação entre os estudantes do ensino remoto e os docentes, que passaram a ser mediados pelos *devices*.

“Os professores precisaram se reinventar e vêm percebendo que não são todas as crianças que gostam de se mostrar, se expor ou se expressar através das telas – e o tempo de aula ficou reduzido”, observa.

Nesse processo, mais uma vez, o ato de ouvir o que esses estudantes têm a manifestar, passou a ser importante para que esses docentes pensem em conteúdos de forma dinâmica e motivacional. Uma missão que a professora classifica como um “caminho longo” já que, muitas vezes, essa escuta não é verbal.

A BUSCA DE UM MODELO IDEAL

Por mais que se desenvolvam, frequentemente, soluções e novidades para esse segmento educacional, a antropóloga não acredita que exista um “modelo ideal” para essas interações entre tecnologia e educação. “Penso que, dependendo do perfil das crianças, dos grupos, da faixa etária, dos conteúdos e das metodologias, os professores precisarão se reinventar de forma permanente”, afirma.

Friedmann é uma defensora de que, assim que possível, seja concretizado um retorno às atividades presenciais. “Mesmo em um modelo híbrido, o presencial é fundamental, mais saudável em todos os aspectos – e necessário para relações e vínculos, para a sociabilidade e o desenvolvimento integral das crianças”, ressalta.

AUTONOMIA E ACESSO

O advento tecnológico e o aumento da utilização dessas ferramentas digitais, no entanto, são responsáveis por notórios avanços, em alguns contextos e em determinadas idades.

Dentre esses pontos, estão a facilidade de poderem se comunicar de forma permanente e, ainda, terem acesso facilitado a informações.

“Um avanço talvez tenha sido o incentivo à autonomia das crianças mas, para afirmar se ele é

A mudança na abordagem varia conforme o perfil das crianças, dos grupos, da faixa etária, dos conteúdos e das metodologias.



real, precisaria ser medido e pesquisas seriam necessárias”, pontua.

Um ponto preocupante dessa dinâmica é o retrocesso causado, por exemplo, pela falta de distribuição igualitária desses recursos tecnológicos em todos os níveis da população.

Em termos de aprendizagens efetivas, a antropóloga acredita que, no período do isolamento social, não houveram avanços. “Em termos emocionais e no que diz respeito aos corpos, penso que foram todos muito prejudicados”, diz.

Mesmo diante das mais diversas propostas e inovações na aplicação de tecnologias para a Educação Infantil, Friedmann observa que, na pandemia, “as crianças têm se mostrado, em todos os níveis, cansadas de tanta exposição às telas, expostas e, nem sempre motivadas”.

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR

Uma bandeira que sempre foi defendida pela autora e que, ainda hoje, se faz relevante é a possibilidade de que os pequenos, durante o processo de aprendizagem, possam brincar, pintar, se movimentar e explorar seus entornos.

“A grande mudança é nos educadores: que eles possam se preparar para um tipo de ensino aberto, em que não tem respostas certas e em que as vozes e expressões das crianças sirvam como bússolas para eles redesenharem atividades e conteúdos adequados”, conclui. 🌍

Dentre os avanços, estão a facilidade de poderem se comunicar de forma permanente e terem acesso facilitado a informações.



PARTE DE UM TODO

Diante de um tema que abrange público e diferentes objetivos, o desafio do uso da tecnologia da Educação Infantil deve abranger um universo onde crianças, professores, gestores educacionais e famílias fazem parte de um todo.

“Para cada obra, são destinadas diferentes soluções atreladas à tecnologia”, explica a gerente de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental da FTD Educação, Natalia Taccetti.

Nesse sentido, são oferecidos recursos dos mais variados, desde vídeos com contação de histórias, áudios e jogos, até materiais destinados às famílias e à gestão escolar, como a documentação pedagógica.

“Esses produtos não só facilitam o contato com diferentes propostas de ensino-aprendizagem, como diversificam as possibilidades de atuação na escola e no ambiente familiar, integrando crianças, famílias e professores com o auxílio da tecnologia, cada vez mais presente na vida de todos”, ressalta.



Alunos bilíngues para o mundo.

Abra caminho para **novas possibilidades** e explore **experiências inesquecíveis**.

Conheça **StandFor Evolution**, o programa de carga horária estendida de Inglês da **FTD Educação**, desenvolvido para empoderar o ensino e a aprendizagem do idioma na sua escola, proporcionando aos alunos o estudo de uma segunda língua e tornando-os cidadãos bilíngues e aptos para interagir além dos muros da escola.



Acesse e conheça.
standforevolution.com.br

Central de relacionamento
0800 772 2300



FTD - MKT

**FTD SISTEMA DE ENSINO
A ESCOLHA
MAIS COMPLETA,
PARA ACELERAR
RESULTADOS
FORA DE SÉRIE.**



DANIEL SERRA
Tricampeão - Stock Car

**POTENCIALIZAMOS TALENTOS.
ACELERAMOS RESULTADOS.**



SAIBA MAIS: FTDSE.FTD.COM.BR